

APRESENTAÇÃO

Presentation

Durante os anos 60 e 70, Curitiba foi o foco de difusão das ideias linguísticas e pedagógicas de dois professores dos cursos de Letras da então Universidade Católica do Paraná e da UFPR, Eurico Back e Geraldo Mattos. Suas concepções foram reunidas num corpo de doutrina a que deram o nome de Linguística Construtural; como movimento intelectual, teve vida efêmera e influência meramente regional. Nem por isso o movimento é destituído de interesse para uma história da Linguística no Brasil, dado o desenvolvimento alcançado pelo projeto e seu significado epistemológico na evolução do pensamento linguístico.

Back e Mattos pretenderam construir uma alternativa em dois campos: no estudo da língua portuguesa, apresentando um modelo de descrição em bases científicas, que superasse as limitações da gramática tradicional, e no ensino da língua materna, propondo uma metodologia baseada no enriquecimento das habilidades linguísticas em lugar da esterilidade das práticas gramaticalizantes. A construção dessas alternativas tomou a forma de uma verdadeira campanha, para a qual os dois professores mobilizaram, de um lado, a intensa produção de trabalhos acadêmicos e didáticos e, de outro, a pregação para plateias de alunos e professores. Como se vê, o Construturalismo não foi um fenômeno de natureza homogênea, nem por seu conteúdo, nem por sua forma de irradiação.

É esta avaliação que justifica os quatro trabalhos que seguem, todos dedicados à reflexão sobre o construturalismo e as condições históricas de seu surgimento, evolução e ocaso. Em *A Linguística Construtural: um capítulo da história da linguística no Brasil*, José Borges Neto procura situar historicamente o movimento. Mostra como se deu a implantação da disciplina de Linguística no Brasil e, em particular, no Paraná, e seus reflexos sobre o itinerário intelectual de Eurico Back e Geraldo Mattos. Em seguida, ocupa-se em apresentar e analisar a obra mais importante desses professores, a Gramática Construtural da Língua Portuguesa. Revela sua extração estruturalista e repassa as concepções que se materializam nessa extensa descrição da língua portuguesa. O artigo se encerra pelo exame da recepção da Linguística Construtural pela comunidade acadêmica.

Ronaldo de Oliveira Batista tem também a preocupação de colocar numa perspectiva histórica o projeto de investigação de Back e Mattos em seu trabalho intitulado *Uma Técnica, um Grupo e uma Retórica: a Gramática Construtural na História da Linguística Brasileira*. O autor não se limita a

analisar a produção acadêmica dos dois pesquisadores; examina igualmente o discurso com que os próprios pesquisadores apresentam essa produção, e identifica nele uma retórica de ruptura, procedimento com que buscaram abrir e marcar um espaço próprio para a linguística construturalista, em contraste com as demais correntes.

O depoimento pessoal foi a forma escolhida por Carlos Alberto Faraco. Em *O Período é uma Construtura*, traz sua experiência de aluno de Eurico Back para mostrar como as ideias do linguista se apresentavam para aqueles que, recém-saídos do ensino médio, tinham a gramática tradicional como um cânone. Num primeiro momento, Faraco recupera o processo de desconstrução da bagagem gramatical do jovem calouro. Essa rememoração é útil, pois estabelece uma diferença de ambiente cultural entre a escola de então e atual. Hoje a crítica à gramática tradicional é uma prática frequente mesmo entre professores do ensino fundamental e médio, de modo que o aluno não precisa chegar à Universidade para que tenha uma postura de reserva em relação ao quadro descritivo repassado pela escola. Mas tal não era o caso nos anos em que surge o projeto construturalista. Num segundo momento, descreve a sucessão de surpresas diante das soluções novas – e estranhas – com que ia se confrontando, e que acabaram no esquecimento, junto com o quadro descritivo em que se inseriam.

O conteúdo do quarto estudo, de autoria de Suzete de Paula Bornatto, é antecipado por seu título: *A Construtura a caminho da Escola*. A autora explica que Back e Mattos souberam aproveitar um momento propício da história da escola brasileira para difundir suas ideias sobre o ensino da língua materna. Justo quando amadurecia sua pedagogia da língua, o sistema escolar passa a expandir-se intensamente em resultado de uma política de democratização do acesso à educação. Esse processo vai catapultar a produção de material escolar e estimular as editoras voltadas para esse mercado. Entre elas a F.T.D., que oferece aos dois professores a oportunidade de materializar suas concepções pedagógicas na forma de amplo conjunto de obras didáticas, que atenderiam das séries iniciais ao ensino médio. Tendo analisado esse extenso material, Bornatto conclui que a ele subjaz uma compreensão do ensino próxima dos moldes então vigentes, a despeito da completa abolição do ensino gramatical defendida por Back e Mattos.

Na altura dos 40 anos da edição da Gramática Construtural da Língua Portuguesa, é mais do que bem vindo este balanço histórico. A Linguística Construturalista faz por merecê-lo pela qualidade das ideias, se avaliadas na perspectiva da trajetória da linguística no Brasil, e pela extensão do público sobre o qual essas ideias repercutiram, ainda que por tempo relativamente curto.

De fato, a Gramática Construtural representa o trabalho de descrição da língua portuguesa mais amplo e sistemático inspirado pela linguística estrutural no Brasil. E, quem sabe, o mais tardio. Entre nós, as descrições de corte estrutural se concentram entre os anos de 1955 e 1975, com destaque para os estudos de Mattoso Camara Jr. e José Rebouças Macambira. Isso significa que o estruturalismo começou a produzir estudos no campo da descrição mais ou menos à mesma época em que, nos Estados Unidos, passava a ser questionado pelo gerativismo, cujo marco inicial é *Syntactic Structures*, editado em 1957. Quando a Gramática Construtural surgiu em 1972, a linguística brasileira já vinha fazendo uma inflexão em favor do paradigma emergente. Borges e Faraco apontam esse fato: a recepção da Gramática Construtural ficou comprometida sobretudo por ser uma espécie de fruto tardio do estruturalismo, que veio à luz numa época de superação do estruturalismo.

Do ponto de vista da irradiação, é preciso lembrar que essa Gramática foi apresentada a um número significativo de alunos de Letras. Nos anos 60, Back e Mattos atuavam nos dois cursos de Curitiba, e foram antigos alunos seus que se ocuparam das disciplinas de Linguística e de Língua Portuguesa no terceiro curso, implantado na Universidade Tuiuti do Paraná nos anos 70. O mesmo se passou com os cursos de cidades próximas. E os alunos não eram poucos: a partir de 1969, o curso de Letras da Universidade Católica do Paraná passou a oferecer nada menos que 400 vagas anuais, que eram facilmente preenchidas. Durante bons anos Curitiba contou algo como 700 calouros de Letras a cada ano, todos sendo iniciados no Construturalismo.

As ideias pedagógicas, por sua vez, tiveram difusão ainda mais ampla, por meio de livros escolares e apresentações. A editora F.T.D. elaborou extenso programa de divulgação das obras didáticas, de modo que os autores deram palestras e cursos em inúmeras cidades pelo Brasil. E não só. Ainda por efeito da expansão da rede escolar, o governo estadual implantou medidas de requalificação docente, que importaram na criação de órgãos de fomento e capacitação, como a Fundepar e o Cetepar. Tais organismos promoveram numerosos programas de reciclagem, para os quais eram repetidamente solicitados Back, Mattos e seguidores, cujas concepções chegaram assim a todas as regiões do Estado. Bornatto chama a atenção para o fato de que o pensamento desses professores influenciou inclusive sobre o conteúdo de documentos oficiais de políticas de ensino no Paraná.

Diante disso, não surpreende o termo *cruzada* utilizado por Faraco; ele caracteriza bem o Construturalismo, tanto pelo seu *ethos* como pela extensão de sua campanha. Mais do que conceber ideias, tratava-se de disseminá-las, de impô-las. Enfim, de mudar a realidade como que com as próprias mãos, promovendo a ruptura com um estado de coisas para instalar outro.

É, portanto, sobre esse movimento intenso e multifacetado, breve e local, que se dirige o olhar crítico dos trabalhos que seguem.

Curitiba, maio de 2013.

José Luiz da Veiga Mercer